

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS

**MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E
SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PRISÃO:
Fragmentos dos Discursos de Sujeitos Cumprindo
Pena Privativa de Liberdade**

Dissertação de Mestrado

VIVIANE LEAL PICKERING

**Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer
Prof. Dr. Alfredo Cataldo Neto**

Porto Alegre, 2006.

VIVIANE LEAL PICKERING

**MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO
PSÍQUICO NA PRISÃO: Fragmentos dos Discursos de
Sujeitos Cumprindo Pena Privativa de Liberdade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Faculdade de Direito, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Criminais.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer

Co-orientador: Prof. Dr. Alfredo Cataldo Neto

Porto Alegre, 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P596m Pickering, Viviane Leal
Manifestações de violência e sofrimento psíquico na
prisão: fragmentos dos discursos de sujeitos cumprindo
pena privativa de liberdade. – Porto Alegre, 2006.
126 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) –
Faculdade de Direito, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer.

Co-orientação: Prof. Dr. Alfredo Cataldo Neto

1. Criminologia. 2. Violência. 3. Prisão.
4. Execução Penal. 4. Sofrimento Psíquico.
5. Comportamento Anti-Social. Título.

CDD 341.4352

Bibliotecária Responsável
Cíntia Borges Greff
CRB 10/1437

VIVIANE LEAL PICKERING

**MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E
SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PRISÃO:
Fragmentos dos Discursos de Sujeitos Cumprindo
Pena Privativa de Liberdade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Faculdade de Direito, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Criminais.

Aprovada pela Banca Examinadora em ____ de ____ de 2006.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer - PUCRS

Prof. Dr. Fabrício Dreyer de Ávila Pozzebon - PUCRS

Prof^a. Dr. Nina Rosa Furtado – PUCRS

Prof. Dr. Paulo Vinicius Sporleder de Souza

Ao meu pai, Prof. Thomaz Arthur (*in memoriam*),
que me ensinou a percorrer os caminhos da Universidade.

A minha mãe,
que compartilhou a realização de um sonho
a partir do qual tantas imagens foram (re)descobertas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Gabriel Gauer,
pela paciência e por instigar meu espírito de pesquisador.

Ao Prof. Alfredo Cataldo Neto,
pela disponibilidade e contribuição de seus oportunos questionamentos.

Aos professores do curso, em especial à professora Ruth Gauer,
pela oportunidade de me fazer (re)pensar e aprender
a seguir novos caminhos do conhecimento.

A Leonor, minha irmã de alma,
que está sempre comigo.

A Débora Machado, amiga e colega,
que, do início ao término do curso, contribuiu muito com seus comentários
brilhantes.

A Astrid, minha analista,
pela continência e capacidade de me fazer acreditar na realização dos desejos.

Aos meus colegas do curso,
pela possibilidade de dividirmos a experiência do (não) saber,
e, também, por encontrar neles grandes amigos.

A Natalie,
pela força e integração, dando contribuições valiosas,
na rico processo da interdisciplinaridade.

A Karen Selister,
pelo incentivo nesta trajetória.

Aos meus amigos,
que ouviram tantas inquietações, em encontros regados a muitos cafés.

Aos colegas do Instituto Penal Irmão Miguel Dário,
agentes penitenciários, auxiliares penitenciários, em especial às minhas
colegas da Equipe Técnica, Taismin, Mara e Leandra, pelo carinho e
compreensão de minhas ausências.

A Rejane e Andréia,
pela disponibilidade e apoio na construção desta caminhada.

A Jorge Rego,
que viabilizou a realização deste estudo, na casa prisional sob sua direção.

Aos indivíduos que cumprem condenação,
que revelaram as diversas formas de sobrevivência do ser humano,
diante do aprisionamento.

RESUMO

Na presente dissertação, teve-se como objeto de estudo a realidade do indivíduo na prisão, dando ênfase aos possíveis aspectos de violência e sofrimento psíquico, inseridos no discurso do apenado. Por meio de um referencial psicodinâmico, buscou-se conhecer alguns dos fatores psicológicos vinculados ao comportamento violento, sem, contudo, desconsiderar outros aspectos importantes para o entendimento do tema, como os sociais e biológicos. Fez-se, também, uma breve revisão bibliográfica a respeito da Instituição Prisional, com suas múltiplas formas de violência, que acabam por reforçar as características anteriormente referidas. Foram realizadas dez entrevistas, com detentos que cumpriam pena privativa de liberdade, num estabelecimento carcerário de regime semi-aberto. Estas entrevistas foram interpretadas à luz de um referencial teórico psicanalítico, para uma aproximação inicial. Os dados obtidos confirmam a hipótese de que o sujeito que comete um delito manifesta a violência no ato ilícito, reedita e vivencia, na execução criminal, tantas outras formas de violência e sofrimento psíquico. Coloca em questão, assim, o mito da ressocialização, por meio da privação da liberdade.

Palavras-chave: Pena privativa de liberdade, Prisão, Violência, Sofrimento Psíquico, Comportamento Anti-Social.

ABSTRACT

The object of study in the present dissertation is the individual's reality in prison giving emphasis on the possible aspects of violence and psychic suffering inserted through the individual's speech. Based on a psychodynamic referential, it was sought in comprehending some of the psychological factors related to violent behavior without disconsidering other important aspects such as social and biological factors in understanding the theme. There is also a brief bibliographical review regarding the Imprisonment Institution and its multiple forms of violence which reinforce the characteristics formerly referred. Ten convicted men, deprived of their freedom in a "semi-open regime" prison establishment were selected to be interviewed. The data obtained was analysed through a broaden theoretical reference for an initial approximation. The results obtained confirm the hypothesis that the subject who commits a felony, manifests violence through the illicit act, re-edits and experiences, under imprisonment, so many other forms of violence and psychic suffering. Therefore, puts into jeopardy the myth of re-socialization through private penalty of freedom.

Keywords: Private penalty of freedom, Prison, Violence, Psychic Pain and Anti-Social Behavior.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO
2 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DO INDIVÍDUO
2.1 Sobre comportamento anti-social
2.2 Sobre agressividade
2.3 Sofrimento psíquico
2.4 Sobre o pensar
3 PRISÃO
3.1 (Sobre)vivências e Violências Prisionais
3.2 O tempo na prisão: velocidade e imobilidade em dois mundos
4 OBJETIVOS
4.1 Objetivo Geral
4.2 Objetivos Específicos
5 MÉTODO
5.1 População
5.1.1 Critérios de inclusão
5.1.2 Critérios de exclusão
5.2 Instrumentos
5.2.1 Entrevistas
5.3 Procedimentos de análise de dados
5.4 Comentários éticos legais
5.5 Descrição e análise das entrevistas
5.5.1 Entrevista A
5.5.1.1 Análise do Caso A
5.5.2 Entrevista P
5.5.2.1 Análise do Caso P
5.5.3 Entrevista C
5.5.3.1 Análise do Caso C
5.5.4 Entrevista L
5.5.4.1 Análise do Caso L
5.5.5 Entrevista M
5.5.5.1 Análise do Caso M
5.5.6 Entrevista J

5.5.6.1	Análise do Caso J.....	
5.5.7	Entrevista G.	
5.5.7.1	Análise do Caso G.....	
5.5.8	Entrevista O.	
5.5.8.1	Análise do Caso O.....	
5.5.9	Entrevista S.....	
5.5.9.1	Análise do Caso S.	
5.5.10	Entrevista J.	
5.5.10.1	Análise do Caso J.....	
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –	
	JUIZ DA VARA DE EXECUÇÕES CRIMINAIS.....	
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -	
	ENTREVISTADO.....	
	APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO.....	
	APÊNDICE D – OFÍCIO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA –	
	CEP - PUCRS.....	

1 INTRODUÇÃO

Ao percorrer o universo escondido, caótico e afastado das prisões, ocorrem vários pensamentos. A inquietação produzida por esse universo (des)conhecido faz com que ele surja como um lócus interessante de ser estudado por muitas áreas do conhecimento, ao longo dos séculos.

Conhecer a realidade prisional, bem como aproximar-se da história de quem cumpre condenação, pode causar impacto, já que é algo rechaçado, afastado e temido pela sociedade. O homem condenado à pena privativa de liberdade passa anos de sua vida nesse mundo, que tem regras e leis próprias. Sabe-se das carências do Estado, da falta de políticas voltadas ao interesse do Sistema Prisional e de sua falência. Portanto, esse período de cumprimento de pena se caracteriza também pela submissão dos detentos a essas condições.

A sociedade contemporânea – regida pela velocidade e estimulada pelo consumismo, em constante mudança – depara-se com a prisão do século XXI e constata que a mesma continua atrelada a tempos passados, sendo regida por punições e castigos.

Fala-se de dois mundos – o interno e o externo aos presídios -, mas o indivíduo que cometeu o delito, nessa mesma sociedade veloz e imediatista, tem que ingressar na prisão, precisando permanecer lá por um período que, em termos de sensação, custa muito a passar. Assim, o tempo na prisão é vivido de forma diferenciada, como algo vagaroso. Os indivíduos precisam, então, utilizar seus recursos internos, para, ali, sobreviverem, tentando livrar-se das ansiedades, raivas e frustrações não entendidas.

Da mesma forma que as outras pessoas, o indivíduo aprisionado utiliza-se de defesas para sobreviver. Estas, entretanto, em ambientes prisionais, são mais regressivas, pois as atitudes dos aprisionados são como uma ‘descarga’ de seu conteúdo mental não tolerável. A conduta anti-social destes indivíduos faz com que eles não consigam controlar seus impulsos agressivos, causando danos a outros e também a si próprios. Sofrimento, agressividade, morte e destrutividade articulam-se num jogo dinâmico, que se estabelece nas prisões. É o que ocorre, quando se percebem violências, punições, carências, impotência, caos e desesperança. A vida fica, então,

estagnada. O sujeito encarcerado terá que descobrir como sobreviver, entre o caos externo e interno, durante o período em que estiver na prisão.

Neste sentido, pode-se questionar: qual o sofrimento de quem cometeu um crime e, assim, tornou-se um “criminoso”, “delinqüente” ou “estigmatizado”? Como este sujeito, que cometeu um delito, manifesta seu sofrimento, e de que forma? Diante destes questionamentos, o presente estudo tem como objetivos investigar se o discurso do detento revela sofrimento, bem como entender as manifestações oriundas dos processos psíquicos inconscientes, que podem ser identificados nesse discurso. Sobrevêm, então, novas questões: a prisão, como forma de pena, produz que tipo de reação psíquica no detento? E como ele entende o tempo de sua condenação? Essas indicações são importantes, na medida em que se percebe que prisão não é apenas a impossibilidade da liberdade; é, antes de tudo, a impossibilidade de poder dirigir a própria vida.

A literatura científica tem mostrado que, na etiologia da criminalidade, interagem diversos fatores: biológicos, neurológicos, psicológicos, sociais e econômicos. A conduta agressiva é considerada multifatorial, estando, juntamente com a impulsividade, relacionada à violência de nossa sociedade¹.

Para que seja possível entender melhor os indivíduos que cometeram delitos e encontram-se cumprindo condenação à pena privativa de liberdade, apresenta-se uma breve revisão sobre os temas agressividade, transtorno de personalidade e sofrimento psíquico, à luz de autores psicanalíticos.

Também é relatada uma breve análise da prisão, na contemporaneidade, com base em autores de áreas como Direito, Sociologia e Antropologia. Estes podem auxiliar na compreensão da complexidade das instituições prisionais, considerando-se como fundamental, neste sentido, a visão interdisciplinar, para que se possa otimizar e aproximar o entendimento dos indivíduos e dos fenômenos sociais.

¹GAUER, Gabriel Chittó; GUILHERMANO, Tais Ferla. Fatores biológicos associados à conduta agressiva. In: GAUER, Gabriel José Chittó. **Agressividade: uma leitura biopsicossocial**. Curitiba: Juruá, 2001. p. 11-34.

O que se percebe é que o ato ilícito é, freqüentemente, associado aos indivíduos portadores de Transtorno de Personalidade Anti-Social. Estes, por meio de suas condutas, causam danos aos outros e a si mesmos, expressando, assim, uma agressividade destrutiva. Cabe salientar que agressividade é fator estruturante para a vida, podendo ser expressa de maneira produtiva e criativa. Com predomínio dos impulsos relacionados à pulsão de morte, porém, a agressividade torna-se destrutiva, resultando em danos a outros ou a si mesmos. A agressividade é a manifestação da dor não pensada, não traduzida, que, algumas vezes, se transforma em ódio, precisando ser descarregada. A conduta agressiva é uma das formas, através das quais essa dor pode ser descarregada.

Pode-se supor, assim, que os indivíduos que cometeram delitos apresentam, em seus aparelhos mentais, pouca capacidade de tolerar a dor, além de dificuldade para pensar sobre suas ações. Isto ocorre, porque estão mais ligados ao princípio do prazer, não tolerando, neste sentido, frustrações e limites impostos pelo mundo externo e interno. Agem por impulsos, não protelando e suportando a espera entre o momento em que sente o desejo e aquele em que uma ação apropriada o satisfaz.

Quando os sujeitos estão na prisão, cumprindo sentença, são forçados a vivenciar, novamente, privações e maus tratos, já experienciados ao longo de suas vidas. Naquele sistema falido e violento, tentam fugir das dores, podendo continuar um ciclo vicioso de vivências agressivas, que também resulta em sofrimento. Para sobreviverem, lançam mão de mecanismos de defesa primitivos, como a identificação projetiva e a negação. Muitos buscam esquecer o sofrimento, por meio do uso abusivo de droga; outros fazem alianças com grupos agressivos e destrutivos. O não pensar vai prevalecendo, e a pulsão de morte faz seu trabalho silencioso, destruindo vidas e deteriorando relações. O corpo pede socorro, pelas somatizações e doenças infectocontagiosas. Os danos vão se instalando na mente e no corpo de cada indivíduo, talvez se tornando maiores do que aqueles que tais indivíduos causaram a outros, pelo seu ato criminal cometido.

Para apresentação deste estudo sobre as manifestações de violência e sofrimento psíquico na prisão, o texto estruturou-se em três capítulos. O primeiro envolve a Constituição Psíquica do Indivíduo, abordando o

comportamento anti-social, agressividade, sofrimento psíquico e pensamento, com referencial teórico psicanalítico. Em seguida, são feitas considerações a respeito de Prisão.

Posteriormente, é apresentado objetivo e método da pesquisa, seguidos do relato das entrevistas. Estão relatadas dez entrevistas com detentos que cumpriam pena privativa de liberdade, pelo artigo 157 do Código Penal, no regime semi-aberto. As questões versaram sobre a trajetória de vida do sujeito, sobre o delito cometido, aprisionamento e tempo de pena. Na dissertação, depois das entrevistas, são apresentadas as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão da literatura e dos dados obtidos nas entrevistas, buscou-se uma aproximação com a história de vida dos indivíduos entrevistados, tentando atribuir-lhes um sentido, um significado. Foi possível conhecer uma parte dessa história, que foi revelada. Há, porém, outras tantas encobertas e desconhecidas. Não se obteve um relato completo de todos os casos, já que os indivíduos, naturalmente, negavam, ou, deliberadamente, escondiam muitos de seus sintomas. Não foi possível, assim, obter informações a respeito de familiares ou empregadores. Pelo método psicanalítico, inferiu-se como se estruturou o aparelho psíquico dos entrevistados e como foram suas vivências.

Aproximar-se da parte prática da pesquisa, apesar de ser fascinante, muitas vezes se tornou algo impactante. Isto me levou a um sentimento de impotência, diante do não saber e da realidade que o detento vivenciava no aprisionamento, muitas vezes negada e evitada, tanto por ele, quanto pela sociedade.

Na relação entrevistador-pesquisador, tornava-se claro que os aspectos mentais do detento começavam a evidenciar-se. Frases confusas, soltas, sem integração, revestiam a relação, marcada por características diferentes daquelas estabelecidas nos atendimentos diários do sistema prisional.

No final de cada entrevista, o que predominava era a sensação de cansaço. Estava claro que seria necessário tempo para assimilar tais histórias.

A utilização dos gravadores pode constituir-se numa metáfora. Destes, dois tornaram-se ineficientes para gravar as entrevistas. Um não reproduzia, com nitidez, as falas, exigindo muito esforço para entender o que estava sendo dito. O outro, digital, era extremamente complexo de manusear. Seus comandos exigiam muita precisão, e, por vezes, era impossível salvar as gravações realizadas. O gravador mais utilizado foi o tradicional. Era possível perceber que o aparelho mental da entrevistadora também precisava passar por etapas, para conter, traduzir, decodificar e entender o conteúdo mental do detento – enfim, buscar uma aproximação e um sentido.

As falhas, ruídos e sons truncados dessa comunicação evidenciavam dificuldade de escuta e entendimento. Era difícil conter, decodificar tais mensagens, o que sugeria o uso da identificação projetiva. O sentimento de caos, diante de tantas histórias, era projetado, e a realidade dolorosa de tais vivências, negada pelo entrevistado. Cabia, assim, ao entrevistador dar conta e sentido a estas vivências terríficas e primitivas. As privações existentes nas primeiras relações objetais, que não foram entendidas e contidas, eram reeditadas, na comunicação estabelecida.

Ao analisarem-se os dados coletados, evidenciaram-se algumas ocorrências que merecem ser citadas.

Quanto às lacunas percebidas no conteúdo dos discursos, deve-se levar em consideração o fato de ter sido realizada apenas uma entrevista com cada participante. Isto impediu que se transmitisse maior número de vivências, o que daria maior profundidade aos relatos.

Alguns conteúdos eram mais fáceis de ser verbalizados, como, por exemplo, a vivência prisional.

Mesmo tendo sido explicado, aos entrevistados, o objetivo da pesquisa, alguns ainda poderiam se questionar, a respeito do prejuízo ou benefício da entrevista, já que, inúmeras vezes, eles se submeteram a avaliações, visando à progressão de regime. Poderiam, assim, omitir dados, a fim de obter ganhos, ou apenas sentirem-se no direito de não revelar fatos de suas histórias pessoais.

Nas entrevistas realizadas, houve dificuldade em aprofundar questões referentes às relações familiares dos sujeitos, na infância ou na adolescência. Alguns referiram que tais fases de suas vidas foram boas, contudo não conseguiam verbalizar de que forma as experiências se desenvolveram, tampouco lembrá-las. Outros verbalizaram que sofreram maus-tratos e negligência, por parte das figuras parentais. Isto ficou registrado nas entrevistas 1, 2, 5, 7 e 9, em que os detentos relataram ter sofrido, na infância, maus-tratos e violências, gerando uma raiva intensa e deteriorização da internalização de valores morais.

A falta paterna na infância também ficou evidente. Neste sentido, pode-se pensar que estes sujeitos vivenciaram falhas. Não tiveram pais presentes, que, conforme Jacques Lacan – revisado no item 1 –, têm por objetivo transmitir a lei, fazendo o sujeito ingressar no registro simbólico e, conseqüentemente, na cultura. Como não ingressaram no registro simbólico, estes indivíduos permaneceram ligados ao registro imaginário, acreditando serem eles mesmos a lei. Faziam-na, assim, conforme seu desejo, desconsiderando o outro.

Os entrevistados 1 e 7 saíam de suas casas na infância, na esperança de serem contidos, buscando o tão esperado reconhecimento. Encontravam, porém, mais uma vez, a violência. Não encontraram em casa uma mãe continente e um pai que impusesse a lei. Depararam-se, contudo, com a rua também sem lei e não encontraram amparo. Isto deve, em parte, ao Estado, que, com falhas e carências, não vem conseguindo suprir as necessidades básicas da população, como educação, saúde e segurança.

O delito, conforme os relatos dos entrevistados, é o instante da potência, da sensação de poder, da “adrenalina”, do brilho, da satisfação imediata. Isto é demonstrado nas entrevistas 1, 3, 4, 6 e 9. O ato criminoso, no entanto, pode ser entendido como uma ação regida pela pulsão de morte e destrutividade, sendo a expressão máxima da violência. Neste, o ato e o não pensar estão presentes, assim como a negação da realidade dolorosa, por parte do sujeito. Nesses fragmentos de histórias, percebe-se que, ao longo de suas vidas, a escolha destes apenados foi a fuga de suas realidades dolorosas. Evitavam, assim, muitas vezes, deparar-se com os sentimentos de abandono, raiva e desamparo.

Esta ação ilícita, que causa tantos danos e sofrimentos à vítima – pois invade, fere, furta, arranca, de forma cruel e sádica, os bens do outro –, pode ser a última das vinganças dos sofrimentos vivenciados. É, desse modo, um momento de triunfo sobre os objetos que lhe causaram danos físicos e psíquicos anteriormente.

Esse sujeito que cometeu o crime, que tanto evitou o sofrimento, precisou, por sua ação ilícita, manifestar e depositar no outro sua dor, ou fazê-lo, de forma destrutiva, vivenciar seu desamparo. No aprisionamento,

então, depara-se com um ambiente hostil, violento, que gera sofrimento no corpo e na alma, revivendo, no tempo da pena, toda a dor pela qual passou.

Há sofrimento na prisão. Isto é relatado nas entrevistas 1, 4, 6, 9 e 10. Neste sentido, reforça-se a percepção, conhecida por muitos e distante de outros, de que a prisão do século XXI ainda permanece ligada ao suplício da alma, como refere Foucault. A prisão continua impondo sua violência de forma explícita, silenciosa e degradante em relação ao humano. Principalmente, continua aguçando o instinto agressivo e destrutivo de cada pessoa, como forma de resposta da violência vivenciada por ela.

A prisão está no limiar da doença, morte e loucura. O medo de não suportar a pena, de enlouquecer, ficou evidente nas entrevistas 2 e 10.

Os subgrupos são criados como resposta à renegação, mas também para exercer a violência, destruindo vidas. Isto é citado pelo entrevistado 10, que associa a prisão com cemitério, dizendo que, lá, já assistiu a muitas mortes.

Os entrevistados apontaram, ainda, como aspectos da realidade prisional, a violência das facções, os maus-tratos e a falta de condições dignas. Citaram também as carências, o receio de responder a processos administrativos disciplinares arbitrariamente, humilhações e violência, verbalizando que viram mortes, brigas, intrigas, uso de drogas, trocas de favores e submissões. Tais relatos confirmam os achados da literatura, revisada no item 2.1.

O instinto de morte faz, na prisão, o seu trabalho silencioso. O homem aprisionado lida com a morte, por estar exposto a doenças físicas e mentais e por estabelecer relações de poder destrutivas. Além disso, usa a identificação projetiva e tem dores não entendidas e não traduzidas.

O não pensar, o não lembrar e o querer esquecer são, talvez, a forma que esses sujeitos encontram para fugir da vivência prisional, como citado nas entrevistas 1, 2 e 9. Alguns, contudo, conforme as entrevistas 4 e 10, conseguem conectar-se com sua realidade dolorosa, elaborando tentativas de modificações.

Por meio da droga, os apenados tentam anestesiá-los, criando, assim, um círculo vicioso de condutas autopunitivas. Desse jeito, contudo, também demonstram sua realidade interna insuportável. Utilizam-se de mecanismos

defensivos, como a identificação projetiva, para livrarem-se de aspectos intoleráveis.

A prisão é o lugar da exclusão, mas, quando em liberdade, estes indivíduos já estavam excluídos. Nas entrevistas, percebeu-se que eles viviam em locais de risco e com pessoas de conduta violenta. Eram, também, estimulados pela sociedade de consumo a ir em busca dos objetos e bens desejáveis. A sociedade do instantâneo, que despreza e descarta os valores e limites, seduz um grupo que deseja desesperadamente fazer parte dos indivíduos “globais”, aqueles que têm autonomia.

O sujeito condenado à pena de prisão não está apenas vivendo uma situação de pena privativa de liberdade. Está, também, condenado a um tempo de espera, de imobilidade, em que há desaceleração, inércia. Trata-se de um movimento regressivo. Para superá-lo, o sujeito deve utilizar suas defesas. Durante a espera, seu corpo poderá pedir socorro, adoecendo, se despersonalizando. O indivíduo depara-se, então, com um tempo em que será preciso lidar com esta espera. O tempo passa acelerado fora dos muros da prisão, embalado pela velocidade da tecnologia. A interrupção do tempo causará perdas, tanto das relações interpessoais, como das informações do mundo externo. Isto causa sofrimento, conforme relatado nas entrevistas 2, 4 e 5.

Considerando que, de acordo com as investigações contemporâneas, o aprisionamento é sempre causador de danos físicos, psíquicos e sociais, especialmente se prolongado, o efeito deteriorante que a prisão produz leva a pensar na reprodução de estereótipos e condutas “estranhas”, que regem a seleção criminalizante, bem como causam danos físicos e psíquicos.

Não é uma tarefa fácil reduzir os danos de algo tão fragmentado, desagregado, como o sistema prisional. Neste, o poder, o controle e a disciplina se fazem visivelmente presentes, impedindo que sejam viabilizadas as possibilidades de dignidade e direitos humanos. Isto causa, por vezes, danos maiores.

Pode-se entender a prisão como uma figura parental sádica e filicida, que impede o desenvolvimento e crescimento do ser humano, pois paralisa e negligencia os sujeitos. O corpo, no aprisionamento, fica paralisado, literalmente detido; e a mente, muitas vezes, não suporta dar conta de tantos

conteúdos confusionais (medos, raivas, desamparo e caos). Pelo corpo, pela ação, ou, quem sabe, por seu aparelho mental, o indivíduo vai manifestando seu sofrimento, seu penar, de inúmeras formas, diante da condenação à pena privativa de liberdade.

Por meio dos discursos destes sujeitos, foi possível perceber o quanto a violência esteve presente nas suas experiências de vida e continua se manifestando de diversas formas, no aprisionamento.

No cárcere, estas pessoas irão, também, reeditar as diversas privações já vivenciadas.

O esforço de explicitar, através dos discursos, suas diversas formas de sofrimento foi uma tentativa de revelar para a comunidade e operadores do sistema penal o quanto a prisão ainda causa sérios danos ao ser humano. E o quanto, ainda, tal problema sinaliza possibilidade de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMENDOEIRA, Wilson. Dor psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 545-553, 1999.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION TASK FORCE ON NOMENCLATURE AND STATISTICS. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 4th ed. Washington, D.C.: American Psychiatric Association (APA), 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BION, Wilfred Ruprecht. **Atenção e interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

_____. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BITTENCOURT, Cezar Roberto. **Falência da pena de prisão: causas e alternativas**. São Paulo: Saraiva, 2001.

BLEICHMAR, Norberto M.; BLEICHMAR, Célia Leiberman. **A Psicanálise depois de Freud**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CARVALHO, Saldo de. **Leituras constitucionais do sistema penal contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2004a.

_____. **Pena e garantias**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2003.

_____. Tântalo no divã (novas críticas às reformas no sistema punitivo brasileiro). **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, a. 12, n. 50, p. 61-85, set./out. 2004b.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

CIMENTI, Maria Elizabeth. Dor, sexualidade e vida. **Revista do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia IEPP: Psicoterapia Psicanalítica**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 64-72, 2003.

DOR, Jöel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ETCHEGOYEN, Horácio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FENSTERSEIFER, Liza. **Dor psicológica em adolescentes com e sem ideia suicida**: escala de avaliação de dor psicológica. 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Cristiane Russomano. **A violência do sistema penitenciário brasileiro contemporâneo**: o caso RDD (Regime Disciplinar Diferenciado). 2004. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FREUD, Sigmund (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVII.

_____ (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.

GARBARSKI, Eliane; GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora. Agressividade no Transtorno de Personalidade Anti-Social. In: GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora (Orgs.). **Filhos & vítimas do tempo da violência**. Curitiba: Juruá, 2003. p. 106-124.

GARZIA-ROSA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GAUER, Ruth Maria Chittó. Alguns aspectos da fenomenologia da violência. In: _____; GAUER, Gabriel José Chittó (Orgs.). **A fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999. p. 13-36.

GAUER, Ruth Maria Chittó. Conhecimento e aceleração (mito, verdade e tempo). In: GAUER, Ruth Maria Chittó (Org.). **A qualidade do tempo**: para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2004. p. 1-16.

GAUER, Gabriel Chittó; GUILHERMANO, Tais Ferla. Fatores biológicos associados à conduta agressiva. In: GAUER, Gabriel José Chittó. **Agressividade: uma leitura biopsicossocial**. Curitiba: Juruá, 2001. p. 11-34.

GOMES, Luiz Flávio (Org.). **Constituição Federal, Código Penal, Código do Processo Penal**. 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.

GRESSLER, Lori Alice. **Pesquisa educacional**. São Paulo: Loyola, 1979.

GUINDANI, Miriam Krenzinger. **Violência & prisão**: uma viagem na busca de um olhar complexo. 2002. 377 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Violência e prisão: um jogo de espelhos. In: GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora (Orgs.). **Filhos e vítimas do tempo da violência**. Curitiba: Juruá, 2003. p. 125-131.

HERMANN, Fabio. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 43-84.

HINSHEWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

HONIGSTEIN, Henrique. Creatividad y poder. **El Poder**: Revista de Psicoanálisis, Argentina, número especial internacional, n. 5, 1996.

JOSEPH, Betty. Identificação projetiva: alguns aspectos clínicos. In: SPILLUS, Elisabeth Bott (ed.). **Melanie Klein hoje**: desenvolvimento da teoria e da técnica. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 146-158.

_____. Sobre experienciar a dor psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 369-380, 1988.

KALINA, Eduardo. **Clínica e terapêutica de adições**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KERNBERG, Otto F. **Transtornos graves de personalidade**: estratégias psicoterápicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995a.

_____. **Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995b.

KLEIN, Melanie. **Contribuições à Psicanálise**. São Paulo: Mestre Jou, 1981a.

_____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981b.

LOWENKRON, Theodor. Objeto da investigação psicanalítica. In: HERMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 21-32.

MACHADO, Débora; GAUER, Gabriel José Chittó. A vítima e o local de furto como depositários de aspectos psíquicos do criminoso. In: GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora (Orgs.). **Filhos & vítimas do tempo da violência**. Curitiba: Juruá, 2003. p. 83-99.

McDOUGALL, Joyce. **Em defesa de uma certa anormalidade**: teoria e clínica psicanalítica. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MENEGHINI, Luis Carlos. **Freud e a Literatura e outros temas de Psicanálise Aplicada**. Porto Alegre: UFRGS, 1972.

MESSUTI, Ana. **O tempo com pena**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

MOORE, Burness E; FINE, Bernard D. **Termos e Conceitos Psicanalíticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MORETTO, Rodrigo **Complexidade, tempo e aceleração x tempo prisional estático**. 2003. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

OLIVEIRA, Leonora; MORETTO Rodrigo. A prisão sob o prisma do tempo: um retrocesso ao futuro. **Revista de Estudos Criminais**, Porto Alegre, n. 11, p. 138-147, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (coord.). **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da Cid-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PEREIRA COSTA, Mário Eduardo. **Distúrbio do pânico**: contribuição para uma abordagem psicodinâmica. 1989. 277 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

_____. **Etude metapsychologique de la detresse**: contribution a la psychopathologies des attaques de panique. 1995. 2 v. These de Doctorat (Nouveau Regime) de Psycaanalyse et Psychopathologie – Université Paris VII, U.E.R. des Sciences Humaines Cliniques. Laboratoire de Pscophatologie Fondamentale et Psychanalyse, Paris, 1995.

SOARES, Maria Terezinha Hertz; GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora. Barrela: análise psicológica de uma realidade prisional. In: GAUER, Gabriel José Chittó; MACHADO, Débora (Orgs.). **Filhos & vítimas do tempo da violência**. Curitiba: Juruá, 2003. p. 132-148.

SOUZA, Paulo Vinícius Sporleder. Bases genéticas do transtorno de personalidade anti-social sob um enfoque criminológico. In: GAUER, Gabriel José Chittó (coord.). **Agressividade: uma leitura biopsicossocial**. Curitiba: Juruá, 2001. p. 105-125.

TANIS, Bernardo. Solidão: clínica e cultura. In: HERRNANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 85-94.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

WACQUANT, Loic. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Freitas Bastos, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WOLFF, Maria Palma. **Antologia de vidas e histórias na prisão: emergência e injunção de controle social**. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2005.

ZAFFARONI, Eugenio Rafael. **Em busca das penas perdidas: a perda da legitimidade do sistema penal**. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

ZIMERMAN, David E. **Bion: da teoria à prática – uma leitura didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.